

IDENTIDADE E PÓS-MEMÓRIA: EXÍLIO E OUTROS TRAUMAS EM *RELATO DE UM CERTO ORIENTE*

IDENTITY AND POSTMEMORY: EXILE AND OTHER TRAUMAS IN *RELATO DE UM CERTO ORIENTE*

Thays Lima Silva¹

RESUMO: A partir da obra *Relato de um certo Oriente*, do escritor Milton Hatoum, buscamos refletir, à luz do conceito de pós-memória (HIRSCH, 2008), sobre como o trauma do exílio vivenciado por uma personagem afeta e influencia as gerações de outros personagens que com ela conviveram. Neste estudo também se farão presentes outras noções teóricas, tais como: a de pertencimento (BAUMAN, 2005), a de exílio (SAID, 2003), a de território (HAESBAERT, 1997), a de memória (POLLAK, 1992) e a de identidade (BAUMAN, 2005; POLLAK, 1992). Como resultado, observamos que uma experiência de caráter traumático, como a do exílio, é capaz de produzir modos distintos de ser e de estar no mundo, seja de quem realmente experienciou a separação da terra natal e, ainda sim, conseguiu se fazer pertencer em outro lugar; seja de quem herdou, através de atos corporais e não verbais, os sintomas do desterro vivido pelo antepassado, tendo como consequências da transmissão intersubjetiva o desfazimento de laços afetivos com a cidade natal e a apresentação de uma imagem fragmentada de si.

PALAVRAS-CHAVE: *Relato de um certo Oriente*; Pertencimento; Exílio; Pós-memória; Identidade.

ABSTRACT: Based on the literary opus *Relato de um certo Oriente*, by writer Milton Hatoum, we seek to reflect, in light of the concept of postmemory (HIRSCH, 2008), upon how the trauma of exile experienced by a character affects and influences the generations of characters with whom they had lived. In this study, other theoretical notions will also be present, such as the ones of belonging (BAUMAN, 2005), exile (SAID, 2003), territory (HAESBAERT, 1997), memory (POLLAK, 1992), and identity (BAUMAN, 2005; POLLAK, 1992). As a result, we observe that a traumatic experience, such as that of exile, is capable of producing different ways of being in the world, whether it comes from those who actually experienced the separation from their homeland, but, even so, managed to belong elsewhere; or from those who inherited, through bodily and non-verbal acts, the symptoms from the banishment lived by the ancestor, having as consequence of the intersubjective transmission the undoing of affectional bonds to the hometown and the presentation of a fragmented image of oneself.

KEYWORDS: *Relato de um certo Oriente* Belonging; Exile; Postmemory; Identity.

¹Mestra em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1866-9963>. E-mail: lima.thays@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

No romance *Relato de um certo Oriente*, do escritor Milton Hatoum, uma mulher regressa à casa da infância com o intuito de rever quem a criou como filha. O que seria apenas uma visita torna-se um projeto maior, pois ela decide compilar numa carta fatos da vida pregressa da mãe adotiva. A reconstrução da história da matriarca assim se efetiva, e em tal narrativa a narradora também agrega considerações a respeito de si mesma e de outros personagens. Ao falar de si, o leitor se depara, em muitos aspectos, com um ser ficcional antípoda à imagem da matriarca.

Como havia um passado já constituído em torno de Emilie antes da breve passagem da mulher por Manaus, o seu desejo de reconstituição da sua infância e da vida de Emilie não era possível de se efetivar sem o necessário apoio dos outros. Auxiliaram, portanto, a filha da matriarca em tal empresa os relatos de personagens que com ela compartilharam a infância e de figuras que vivenciaram eventos junto à matriarca. A recuperação e a recriação do passado por via da memória e do trabalho de pós-memória realizadas principalmente pelo filho da matriarca, o personagem Hakim, e pela narradora, revelam, com relação a essa, que ela apresenta fratura identitária, e com relação à Emilie que, apesar de a matriarca estar dividida entre o Líbano e Manaus, ela se fez pertencer na cidade escolhida para se sedentarizar.

A inserção do indivíduo em grupos sociais pode resultar na formação de uma autoimagem favorável de si, ou seja, que o sujeito se vê de forma positiva por ocupar um lugar no mundo, isso porque os diversos elementos de uma cultura, que contribuem para a coesão de uma coletividade, são responsáveis por tornar a pertença do indivíduo possível. Mas, como veremos adiante, ao perder a terra natal, o exilado trava consigo mesmo um embate de ordem mais simbólica do que real para tentar se adaptar à nova realidade cultural. Bauman (2005) é esclarecedor ao tratar do indivíduo que abandona a terra pátria para

se sedentarizar em outro canto e também do sentimento que tal atitude é capaz de provocar no sujeito, ao dizer que: “Pode-se até começar a sentir-se *chez soi*, “em casa”, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa” (BAUMAN, 2005, p. 20, itálico do autor).

É justamente a ausência da sensação de se estar “em casa” que os corpos dos personagens do romance de Hatoum revelam através dos atos. Todo corpo está engajado num mundo que é por ele percebido, e todo corpo responde a esse mundo ao seu modo. Emilie não nasceu em Manaus, mas de um modo ou de outro foi capaz de, em tal lugar, se adaptar; a narradora e Hakim nasceram e cresceram na cidade, até que passaram a se sentir como exilados, fato que os fez deixarem a família em Manaus. Os personagens estão ligados pela passagem de um tempo que, quando reconstruído, revela o quanto a experiência traumática do exílio vivenciada por um indivíduo afeta os que com ele conviveram, fazendo, assim gerar novos dilemas existenciais.

2 TERRITÓRIO, IDENTIDADE E EXÍLIO

Em *Relato de um certo Oriente*, depois de anos distante do lugar em que nascera e crescera, a cidade de Manaus, uma mulher regressa para visitar sua mãe adotiva, Emilie, e o lugar da infância. Já instalada na cidade, a mulher decide reconstruir a história dessa que foi a matriarca da família. Na obra, o passado não pode ser somente visto como antecedente de um tempo outro, do momento em que amigos e familiares falam de suas memórias à filha, pois a incursão no tempo pretérito revela modos de ser e de estar no mundo de uma família fortemente marcada por uma múltipla inscrição cultural. Emilie, junto com o irmão, migrou do Líbano para o norte do Brasil ainda jovem e, antes de se estabelecer em Manaus, esteve na cidade do Recife. Não menos importante, é também característica da diversidade cultural que reinava na casa da matriarca

a presença de seus amigos originários do Porto, da Alemanha e de outros lugares do interior da cidade de Manaus.

Sendo o lugar onde vivia a família de Emilie apresentado como ponto de encontro e possuidor de atmosfera aberta à pluralidade cultural, o processo de formação identitária que se inicia nesse espaço, e que continua além dele, torna-se algo complexo, como podemos observar através do personagem Hakim. Ele, ao recordar que por conviver com dois idiomas – o árabe, em casa; e o português, na escola e na cidade –, tinha a impressão de ser duas pessoas: “Desde pequeno convivi com um idioma na escola e nas ruas da cidade, e com um outro na Parisiense. E às vezes tinha a impressão de viver vidas distintas” (HATOUM, 2008, p. 46). Sentir-se sendo um só ou como se fosse dois indivíduos, sentir-se realmente “em casa” ou dela deslocado, sentir-se pertencendo a um grupo maior, como a própria cidade em que se nasce, ou dela desenraizado, são aspectos sobre a vida dos personagens que surgem nas falas deles mesmos e que se relacionam intimamente com a matriarca da família.

No ato de rememoração do passado, vê-se que os laços familiares vivenciados com a matriarca interferiram sobremaneira no modo como os personagens se veem e como os enxergamos. Falar da percepção de uma imagem de si, sustentada seja de modo mais consciente ou menos inconsciente, é algo que remete à noção de identidade individual. Sobre essa, adotamos a perspectiva de Pollak (1992), para quem a identidade:

[...] é a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 204).

A imagem adquirida pelo indivíduo se constrói através de um eterno processo de reelaboração de sua autoimagem, de modo que o sujeito com uma

imagem construída de si é “Uma pessoa com sentido razoavelmente estável de autoidentidade [...]” (GIDDENS, 2002, p. 55), “[...] capaz de captar reflexivamente e, em maior ou menor grau, comunicar as pessoas” (GIDDENS, 2002, p. 55). Por isso que ter uma identidade envolve a construção de uma imagem de si que se apresenta como unidade estruturada e, de certa forma, equilibrada². O processo de formação identitária, ao contrário do que possa parecer, não é um fenômeno estritamente individual. A própria existência do sujeito ocorre dentro de grupos, que servem como lastro imprescindível à formação dos sujeitos. A formação de identidade pessoal é, portanto, um fenômeno que se dá em convívio com o outro, como podemos observar através do que Pollak (1992) afirma:

Ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referencia aos outros [...]. (POLLAK, 1992, p. 204).

Por outro lado, não podemos apenas conceber o sujeito como determinado socialmente, haja vista ser ele capaz de recusar formas de pertencimento e de autoimagem. “[...] o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [...]” (BAUMAN, 2005, p. 17), e isso porque “[...] as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores

² Pollak, ao falar sobre os três elementos fundamentais para a construção da identidade, sinaliza a respeito de uma possível consequência, caso haja descontinuidade na percepção da imagem de si: “Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados, de modo que se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos” (POLLAK, 1992, p. 204).

cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’” (BAUMAN, 2005, p. 17).

Pertencer a uma cultura e a um grupo, entretanto, não é sinônimo de possuir identidade. Identidade não é algo dado, “[...] existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2006, p. 38), mas, sim, construído pelo sujeito a partir das imagens que o indivíduo forja de si e das que os outros forjam dele. Hall (2000) defende que:

Identities surgem da narrativização do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento, ou seja, a “suturação à história”, por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário (assim como no simbólico) e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático. (HALL, 2000, p. 109, aspas do autor).

O processo de construção de identidade se assemelha a uma construção ficcional, na medida em que o sujeito elabora, ao longo de toda vida, imaginária e simbolicamente, uma estória pessoal, na qual o outro está sempre presente. A presença do outro na formação de identidade pessoal dialoga com o que Ricoeur chama de “*identificações adquiridas*” (RICOEUR, 2014, p. 122, itálico do autor). “Em grande parte, com efeito, a identidade de uma pessoa, de uma comunidade, é feita dessas identificações a valores, normas, ideais, modelos, heróis, nos quais a pessoa ou a comunidade se reconhecem” (RICOEUR, 2014, p. 122). Por isso, ter uma identidade é encontrar-se³.

³ “Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que nos tentam “interpelar”, nos falar ou convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos [...]. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (Hall, 2000, p. 111-112, itálico do autor).

E Emilie se encontrou. A estrutura compósita do meio familiar de *Relato de um certo Oriente* revela o pertencimento da própria Emilie a diversos mundos, se assim podemos dizer. Na narrativa, há momentos que evidenciam uma verdadeira abertura da matriarca para o universo da região norte, visível nas comidas e nos ingredientes típicos que circulavam no sobrado. A narrativa demonstra, ainda, o quanto Emilie se curvou ao universo amazonense, cujo exemplo a citar do enclave é o que se refere à relação da personagem com o curandeiro indígena Lobato Naturidade:

Emilie tratava-o com um respeito que aspirava à veneração; raramente aparecia em casa, mas bastava pisar na soleira da porta para que toda a vizinhança se inteirasse de que na família havia um enfermo. (HATOUM, 2008, p. 83).

A própria Emilie entregava-se a uma “[...] demorada sessão de massagem na perna reumática” (HATOUM, 2008, p. 84), preparada com ervas e manipulada pelo índio.

O que falar das histórias sobre o universo amazônico contadas pela lavadeira Anastácia Socorro que maravilhavam Emilie? Descrevia uma trepadeira, as manchas nas folhas de um tajá; contava à patroa sobre receitas de curandeiros, que se não curavam as doenças mais terríveis, provocavam delírios em quem tomasse apenas um gole da infusão. Nas histórias diversas, a matriarca enxergava sabedoria. Por isso, Emilie, “[...] aconselhada por Anastácia, preparou um adubo com esterco de galinha e carvão em pó para ser misturado à terra, de sete em sete dias durante sete meses” (HATOUM, 2008, p. 81). Do procedimento, nasceram uma muralha verde-musgo, que rodeava a fonte, e um matagal de tajãs, que serviu para muitos ninhos de cobras, o que não foi problema para a matriarca, já que a mesma preferia a presença delas do que conviver com a inveja dos outros.

Mas, a matriarca conseguiu fazer também de sua casa em Manaus um pedaço do seu Líbano, visível desde a decoração suntuosa do sobrado, ornada com adereços e motivos árabes, passando pelo trânsito entre seu idioma materno e a língua de sua segunda pátria. Em reuniões que ocorriam no pátio da casa, por exemplo, se legitimava a cultura libanesa através de o árabe ser o idioma exclusivamente falado e do hábito milenar de comer com pães de massa folheada, fígado cru de carneiro, a que se entregavam os convivas. Não eram raras as ocasiões em que Emilie trazia o seu Líbano para o seu dia a dia: “[...] sem se dar conta, tua avó deixava escapar frases inteiras em árabe, e é provável que nesses momentos ela estivesse muito longe de mim, de Anastácia, do sobrado e de Manaus” (HATOUM, 2008, p. 80), contava Hakim. Um certo Líbano surgia nostalgicamente para Emilie e para os outros da casa através do uso da língua, da recordação que se manifestava quando a matriarca estacionava qualquer atividade que estivesse desempenhando para contemplar absorta o badalar da igreja dos Remédios e, ainda, se revelava também através das práticas culturais que a matriarca e o patriarca cultivavam.

Manaus e Trípoli: uma cidade ela conservava em sua memória e a outra era onde as suas vivências cotidianas se davam. A memória, ao mesmo tempo em que a dividia entre as duas cidades, também a unificava. Emilie interrompia o seu dia a dia, mergulhava no passado, vagava rotineiramente pelos lugares da memória e da memória saía para adentrar no espaço-tempo do seu presente, retomando a vida no casarão. A necessidade da personagem de transitar por tempos diversos não foi capaz de fragmentá-la identitariamente. Ela se unificava sendo duas, a Emilie do Líbano e a Emilie de Manaus, e permaneceu até o fim de sua vida de tal forma.

Esse modo de existir no mundo, um modo dividido, nos remete à ideia de território, que pode tanto se referir ao território físico quanto ao território simbólico. Utilizaremos território como uma noção que “[...] prioriza dimensões simbólicas e mais subjetivas, o território visto fundamentalmente como

produto da apropriação feita através do imaginário e/ou identidade social sobre o espaço [...]” (HAESBAERT, 1997, p. 39), por considerarmos que, na obra, os territórios apontam para a existência de geografias mais espectrais do que reais, para geografias que existem mais no interior do indivíduo do que no exterior a ele, ainda que o mundo interior e psicológico seja alimentado e animado por um território concreto, lugar onde o corpo existe. Em *Relato de um certo Oriente*, o trânsito entre territórios concretos, isto é, entre o Oriente e o Ocidente, surge como experiência definidora, como marco instituidor de um antes e de um depois na vida da matriarca da família e dos que conviveram com Emilie durante a infância, na medida em que faz surgir, tanto nela quanto nos outros, geografias internas e (des)afetivas, como veremos ao longo das reflexões.

Esse deslocamento da personagem entre territórios continentais e o seu modo de ser no mundo nos remetem à experiência do exílio. O exílio diz respeito a “[...] uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar [...]” (SAID, 2003, p. 46) e também a uma “[...] existência do amor pela terra natal e aos laços que nos ligam a ela [...]” (SAID, 2003, p. 46). O sujeito exilado é aquele que, por razões que inviabilizam a vida e a sua permanência em sua pátria, foi banido ou banuiu a si próprio dela, tornando o regresso à terra natal ato proibido. Como consequência da expropriação de um território, posteriormente ocorre a apropriação árdua de outro pelo exilado, que geralmente adia por toda a vida o retorno ao seu local de origem. E quanto aos laços cultivados, esses se tornam condenados a permanecerem como espectros, uma vez que serão eternamente requisitados como lembranças afetivas de um lugar deixado para trás.

Como falado anteriormente, a prática exílica se articula a uma contraparte: ao ato de se apropriar de um abrigo, de modo que, posteriormente, as recordações do lugar de onde se foi desterrado somar-se-ão a tudo o que ocorrerá ao sujeito em seu novo território: ao que ele se apossará tanto

consciente quanto de maneira mais inconsciente. Isso o tornará detentor de uma consciência “contrapontística”; de uma consciência que colocará sempre em confronto as experiências da terra natal com as experiências vividas no novo território. A experiência vivida do exílio produz marcas de caráter simbólico, e o que se observará, através dos personagens do romance, é que eles são profundamente afetados pelo corte espacial da matriarca com sua terra natal.

3 MEMÓRIA E PÓS-MEMÓRIA: CONSTRUÇÕES SOBRE UM SER EXILADO

Rememorar não é um ato que visa ao desvelamento preciso do passado. O substrato da memória não é rígido nem tampouco imutável, mas está sempre sendo transformado pela ação do tempo:

[...] a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. (NORA, 1993, p. 109).

As considerações de Pierre Nora apontam para o caráter vulnerável da memória, da possibilidade do esquecimento e da transformação de nossas lembranças, passíveis de todo tipo de influência. Mas é interessante perceber que as memórias, mesmo sendo imprecisas e fugidias, apresentam três componentes que, de acordo com Pollak, são: os acontecimentos, as pessoas (personagens) e os lugares. Com relação ao primeiro componente, o autor difere os acontecimentos vividos pessoalmente daqueles que foram vividos por outrem:

[...] ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (POLLAK, 1992, p. 201).

Sobre os acontecimentos vividos de modo indireto, Pollak afirma, ainda, que eles podem se referir também a eventos que não estão situados dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo, mas, que, através de formas de socialização, ocorre “[...] um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado tão forte, que podemos falar numa memória quase que herdada” (POLLAK, 1992, p. 201). O mesmo raciocínio se aplica às pessoas (personagens) que constituem as recordações de alguém. Podemos falar de pessoas que fizeram parte direta e indiretamente da vida de outrem e, também, de pessoas que não pertenceram ao mesmo espaço-tempo de uma pessoa, embora tenham se tornadas conhecidas devido a sua relevância histórica, por exemplo. Por fim, os lugares da memória dizem respeito aos lugares que de fato foram frequentados pelo sujeito, bem como se referem aos lugares situados fora do tempo-espaço de vida de uma pessoa. Esses últimos “[...] podem constituir lugar importante para a memória do grupo e, por conseguinte, da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo” (POLLAK, 1922, p. 202).

O que de mais importante devemos absorver das considerações de Pollak sobre a memória e seus elementos constitutivos é uma noção que perpassa todos os componentes descritos e desenvolvidos pelo autor. De um modo geral, a formação de memórias envolve não só experiências vividas diretamente por quem recorda um evento pretérito, mas se relaciona, também, com experiências transmitidas através da socialização, isto é, com fatos vividos por outrem. O que o indivíduo recalca e assimila não só diz respeito a sua vida em si, já que as recordações são, em grande parte, frutos de todo tipo de transferências, as quais ocorrem entre os corpos capazes de compartilhá-las.

O caráter partilhado da memória de que fala Pollak dialoga com as concepções de Marianne Hirsch, autora que, em *The Generation of Postmemory*:

writing and visual culture after the Holocaust, apresenta o conceito de “pós-memória”. Segundo ela,

Pós-memória descreve a relação que a geração posterior àquela que foi testemunha de traumas culturais e coletivos carrega acerca da experiência daqueles que vieram antes. Experiências que eles ‘recordam’ somente por meio de histórias, imagens e comportamentos em meio aos quais cresceram. Entretanto, tais experiências lhes foram transmitidas de forma profunda e afetiva, que parecem constituir memórias de próprio direito. A relação da pós-memória com o passado não é mediada pela lembrança, mas pela imaginação, pela projeção e pela criação⁴. (HIRSCH, 2008, p. 106-107, tradução nossa).

Não se trata, pois, de um passado vivenciado pelas gerações posteriores à geração que testemunhou uma experiência traumática. O trabalho de pós-memória cria e imagina o que não é possível de ser recuperado em forma de testemunho, demonstrando, assim, como outras gerações se relacionam com o que foi herdado. Para Hirsch, a transmissão de vestígios de eventos pretéritos, dolorosos e traumáticos, não se dá através de narrativas que buscam reconstruir o que foi vivido por outrem. A difusão desse tipo de experiência encontra nas emoções, nos silêncios e nos comportamentos, performados no interior dos grupos, os próprios caminhos para a “transferência” do que foi assimilado pela geração testemunhante de eventos atrozés a quem não os testemunhou.

Não estamos falando, entretanto, de qualquer formação grupal. No conceito de pós-memória, à família é dada importância crucial no processo de vivificação de um passado que ecoa no presente. A família é um meio capaz de

⁴ “Postmemory describes the relationship that the generation after those who witnessed cultural or collective trauma bears to the experiences of those who came before, experiences that they “remember” only by means of the stories, images, and behaviors among which they grew up. But these experiences were transmitted to them so deeply and affectively as to seem to constitute memories in their own right. Postmemory’s connection to the past is thus not actually mediated by recall but by imaginative investment, projection, and creation” (HIRSCH, 2008, p. 106-107).

propiciar aos indivíduos a convivência com diversas experiências e temporalidades que se entrecruzam. Além disso, cada núcleo familiar possui sua própria linguagem, seus códigos de convivência, um *modus operandi* particular: “A linguagem da família, a linguagem do corpo: atos de transferência não verbais e não cognitivos ocorrem mais claramente dentro do espaço familiar, frequentemente como sintomas⁵” (HIRSCH, 2008, p. 112, tradução nossa).

Em virtude da incapacidade de se transmitir o trauma, o que são disseminados às gerações sucessoras são os efeitos e os impactos de fatos traumáticos causados no aparato físico-mental do indivíduo testemunhante. Os não ditos e as atitudes, se por si sós não engendram narrativas sobre o passado, apontam, por outro lado, para a existência de experiências que eram impossíveis de serem comunicadas verbalmente, mas, que, quando imaginadas por outros, por terem perdido seus caracteres de traumas, tornaram-se fatos sobre os quais é possível falar.

O trabalho de pós-memória lida, portanto, com os sintomas causados por um choque em uma geração ou até mesmo em uma pessoa, e os mescla aos dilemas da geração posterior, pois o convívio com quem sofreu intensos danos psicológicos e físicos pode gerar novos traumas. Esses, por sua vez, são tanto típicos da geração subsequente à testemunhante, bem como são dilemas ainda relacionados aos danos sofridos pelos antepassados. O conceito de pós-memória, isto é, o relacionamento das gerações pós-memorial, das gerações dos filhos da matriarca, com o passado da geração antecedente, da geração de Emilie, pode ser verificado em *Relato de um certo Oriente* através de diversos aspectos presentes na obra.

⁵ “The language of family, the language of the body: nonverbal and noncognitive acts of transfer occur most clearly within a familial space, often in the form of symptoms” (HIRSCH, 2008, p. 112).

O primeiro deles seria com relação às recordações do personagem Hakim. Dada à proximidade que possuía com a mãe, é ele quem se encarrega de desvelar, imaginando e criando, para a narradora, vários fatos do passado da vida de Emilie. Foi ele o primogênito e o único escolhido pela matriarca para compartilhar com ela lembranças do Líbano. Por isso que os capítulos em que a narradora relata os fatos contados a ela por Hakim são os que apresentam importantes referências à experiência traumática vivida por Emilie da separação de sua terra natal; experiência essa que, mais tarde, foi convertida em saudosismo pela terra perdida e pelos objetos lá deixados. É o que podemos observar a seguir:

Talvez por isso Emilie parava de viver cada vez que o eco quase imperceptível das badaladas da igreja dos Remédios pairava e desmanchava-se como uma nuvem sobre o pátio onde ela polia os anjos de pedra após extrair-lhes o limo e os carunchos acumulados na temporada de chuvas torrenciais. Ela interrompia as atividades, deixava de dar ordens a Anastácia e passava a contemplar o céu, pensando encontrar entre as nuvens aplastadas contra o fundo azulado e brilhante a caixa negra com uma tampa de cristal, os números dourados em algarismos romanos, os ponteiros superpostos e o pêndulo metálico. (HATOUM, 2008, p. 30)

O trecho acima se refere à obsessão de Emilie por um relógio negro que reverberava doze pancadas no convento onde ela iria seguir como freira em Ebrin, no Líbano. Até que seu irmão Emir adentrou no claustro, exigindo a presença de Emilie na sala da Irmã Superiora, onde munido de um revólver ameaçou se suicidar caso ela não desistisse da vida de noviça. Virginie Boulad a dispensou do convento, alegando que se a vocação dela fosse ser serva do Senhor, ele a receberia em qualquer lugar do mundo. Mas isso:

Foi um golpe terrível na vida de Emilie. Ela concordou em deixar o convento naquele dia, mas suplicou que a deixassem rezar o resto da manhã e tocar ao meio-dia o sino anunciando o fim das orações. Foi a Vice-Superiora, Irmã Virginie Boulad, quem atribuiu a Emilie a

tarefa de puxar doze vezes a corda do sino pendurado no teto do corredor contíguo ao claustro. Essa atribuição fora fascínio de Emilie por um relógio negro que maculava uma das paredes brancas da sala da Vice-Superiora. Ao entrar pela primeira vez nesse aposento, exatamente ao meio-dia, Emilie teria ficado boquiaberta e extática ao escutar o som das doze pancadas, antes mesmo de ouvir a voz da religiosa. Hindié Conceição me repetiu várias vezes que a amiga cerrava os olhos ao evocar aquele momento diáfano de sua vida. (HATOUM, 2008, p. 30).

À Emilie não bastava apenas evocar essa passagem de sua vida em Ebrin. Logo quando chegaram a Manaus, foi necessária longa negociação entre o marido da matriarca e o marselhês que vendeu a loja *Parisiense* à família para que um relógio negro ficasse em posse deles, como se esse objeto fosse fundamental para que a personagem pudesse seguir adiante na nova terra. Em Manaus, Emilie, ao ouvir as badaladas da igreja dos Remédios, pausava a rotina para recordar sua passagem pelo convento. A matriarca constituiu vida em Manaus, tendo uma parte sua permanecida no convento. Tentou minimizar a saudade do claustro com a aquisição do relógio, e quando a igreja diariamente badalava o sino, a memória a transportava para Ebrin.

O bifurcamento da consciência de Emilie, como observado, reverberava em sua rotina. Por mais que os vínculos com o Líbano tivessem sido desterritorializados, eles continuaram operando sentidos, como se expropriar deles fosse impossível; diferentemente de um pedaço de terra, do qual se apartar, ainda que possa ser algo doloroso, é tarefa realizável. Os seus dois mundos, o visível e o que palpitava em sua memória, mostram-se por vezes tão imbricados, que não era o sujeito, nesse caso Emilie, que detinha o controle da memória, e sim um estímulo externo a ela. O aroma das frutas do seu mundo visível, por exemplo, era capaz de jogá-la repentinamente no espaço da reminiscência do odor dos figos do Líbano, como podemos observar no trecho abaixo:

O aroma das frutas do 'sul' vaporava, se colocadas ao lado do cupuaçu ou da graviola, frutas que, segundo Emilie, exalavam um odor durante o dia, e um outro mais intenso, mais doce, durante a noite. 'São frutas para saciar o olfato, não a fome', proferia Emilie. 'Só os figos da minha infância me deixavam estonteada desse jeito'. (HATOUM, 2008, p. 79, aspas do autor).

São essas, por exemplo, algumas recordações de Hakim de quando convivia com sua mãe na infância. O trabalho de pós-memória e de memória do personagem, isto é, o trabalho de reconstruir fatos e eventos que foram vividos por ele e pela mãe, cria passagens de histórias de vidas que se entrelaçam: uma personagem que sofreu a dor da separação forçada da terra natal e um representante da geração posterior que acompanhou o trauma experienciado pelo outro. Por Hakim ter vivido num ambiente em que as consequências do exílio sofrido pela matriarca se manifestavam cotidianamente através de suas atitudes corporais, ele, ao longo de sua vivência junto à mãe, foi assimilando o estar no mundo dela, dividido, e assim sendo capaz de recriá-lo e reportá-lo à terceira geração da família, que é o que ele faz, ao participar do projeto da narradora de reconstrução da vida de Emilie.

Mas, no romance, o relacionamento das gerações pós-memorial com o desterro da geração da matriarca se manifesta não apenas através da apropriação dos sintomas que a perda da pátria causou em Emilie. Observamos que, mais do que reconstruir passagens de uma história fruto da vivência do abandono da terra natal, as prospecções efetuadas no passado, tanto por Hakim quanto pela própria narradora, evidenciam os efeitos que o deslocamento vivido pela matriarca da família causou na vida de ambos os personagens.

4 CORPOS DESTERRADOS E TRAUMAS EXISTENCIAIS

Os registros do desterro se patenteiam no corpo da personagem Emilie, que assume uma existência de amor e de saudade pela terra natal. O

comportamento por ela apresentado, no convívio familiar, reverberou profundamente nas vidas de Hakim e da narradora. Com relação a esses dois personagens, veremos que a perda da terra natal pela matriarca da família gerou novos traumas naqueles outros. Sintomas indiciam a existência de um evento profundamente doloroso experienciado e que permanecem no corpo do sujeito testemunhante de um trauma. No convívio interpessoal, eles se manifestam de um modo ou de outro e, por isso, acabam por interferir na formação dos indivíduos que convivem com quem sofreu o dano.

O fato de o filho e da narradora conviverem com familiares imigrantes possibilitou àqueles personagens proximidade e convívio com vidas que deixaram sua terra natal para se estabelecerem em outro lugar, na cidade de Manaus, com vidas que vivenciavam sentimentos causados pela separação da terra pátria, tal como a sensação de nostalgia e de estar sempre dividido entre o “lá” e o “cá”. Quando infantes e adolescentes, a narradora e Hakim presenciavam constantemente a atualização, na rotina da casa, de elementos culturais pertencentes à cultura árabe, como as práticas de culinárias, de decoração e de trânsito por entre duas línguas, por exemplo. Não estranhamente, ocorreu com Hakim e com a filha, personagens da segunda e da terceira gerações da família, o mesmo que se sucedeu à matriarca do clã: Hakim e a narradora também deixaram a cidade natal para se fixarem em outro território.

A ausência de laços afetivos para com o território citadino em que nasceu, fato que criou uma suposta impossibilidade de retorno a esse lugar depois de deixá-lo, é algo tão forte a Hakim, por exemplo, que ele age como se, de fato, tivesse sido banido de Manaus. Depois de sua saída da cidade natal, ele apenas regressa na ocasião da morte da mãe e, inclusive, se considera um exilado, como podemos observar a seguir:

Ao viajar para a Europa, por volta de 55, pensei que ele [Dorner] nunca mais pisaria em Manaus. Na verdade, fui eu quem me exilei para sempre. A sua viagem coincidiu com a minha para o sul. (HATOUM, 2008, p. 72).

É assim também que devemos pensar a respeito da narradora. Em seu trabalho de memória e de pós-memória, observamos que ela faz uso de sua capacidade mnemônica para compilar fatos da vida pregressa de Emilie e para recuperar vestígios do passado com os quais pudesse estabelecer uma ligação afetiva, como ocorria com a matriarca nos momentos em que adentrava nos espaços-tempos de recordação, por exemplo. Percebe-se, entretanto, que quando narradas, as recordações que tratam da narradora comunicam o sentimento de falta que existe no seu interior. Ela perambula nostalgicamente pelos lugares da infância, pelas sensações, pelos eventos do passado, e as imagens que surgem do ato de recuperar os eventos do pretérito estabelecem mais um mosaico de lembranças soltas do que um fluxo narrativo com eventos encadeados ao menos de um momento de sua vida.

Nos capítulos em que a narradora fala de si mesma, o que no passado foi internalizado, e que vem à tona mnemonicamente, demonstra uma imagem de si fragmentada. Ela fala sobre a infância de forma difusa, um pouco sobre o seu eu adulto, e omite tudo o que ocorreu entre essas duas fases de sua vida, como se a sua história fosse uma história de desencontros. As memórias escritas presentificam momentos da infância, lacunas, traumas, como a morte da neta de Emilie, e evidenciam, principalmente, sua crise de identidade e a imagem de um ser que se assemelha a de um exilado. Mas de um exilado destituído de um território externo e interno, tal como era o Líbano e Manaus para Emilie. Ela não foi banida no sentido literal de sua cidade natal, mas, através de sua rememoração, vemos que é ausente o sentimento de pertencimento a esse lugar, conforme é confessado em uma de suas ponderações sobre Manaus:

Havia momentos, no entanto, em que me olhavam com insistência: sentia um pouco de temor e de estranheza, e embora um abismo me separasse daquele mundo, a estranheza era mútua assim como a ameaça e o medo. (HATOUM, 2008, p. 110).

Tanto Emilie quanto a narradora valorizam, cada uma, o seu passado. Ambas conseguem com ele dialogar, mas Emilie o faz mais proficuamente. Estando o indivíduo em crise de identidade, o que foi outrora internalizado deixa de estabelecer identificações com o sujeito, interferindo, assim, na relação em que se investia o sentimento de pertencimento e, conseqüentemente, na sua autoimagem. A narradora reconhece que para possuir uma imagem não falhada de si, tal como a representação através de um desenho que fizera na ocasião de seu internamento, quando já distante de Manaus há muito tempo, é necessário o sentimento de pertencimento e que haja identificação com uma coletividade.

Ficar em Manaus era inviável, uma vez que ela não conseguia se projetar nas existências outras que a cercavam e nos estilos de vida que em tal lugar existiam. O mesmo se procedeu no abstrato “sul”, lugar onde ela passou a residir após deixar a cidade natal: sua vida se tornou uma batalha em prol de satisfação de prazeres e de conquistas materiais, o que a levou a um surto e ao internamento numa clínica. Por isso que ela, um ser deslocado, à margem dos grupos com os quais se relacionava, não enxergava propósito em permanecer fora da clínica:

Miriam estranhava o fato de eu não sair dali o quanto antes; [...] ‘O que te atrai para continuares aqui?’, me dizia. Quis responder perguntando o que me atraía lá fora, mas preferi dizer que estava pensando numa viagem. (HATOUM, 2008, p. 144, aspas do autor).

Romper com uma cidade é sinônimo de romper com práticas e com relações cultivadas em tal lugar o que, por consequência, é romper com uma versão de si. O reconhecimento, por parte da narradora, de um fosso existente

entre ela e os outros torna esse ser ficcional deslocado de um grupo. Por se sentir desajustada, o isolamento físico poderia surgir a princípio como uma possibilidade, mas não a menos dolorosa, nem, na verdade, a efetivamente possível, visto que o homem é um ser de natureza social. Como, portanto, permanecer num lugar em que o estranhamento entre o eu e sua alteridade é tamanho?

O deslocamento torna-se, pois, a única saída ao indivíduo, que para se sedentarizar num lugar precisa se identificar com o que se cultiva em termos de práticas e costumes; ou seja, com o estilo de vida adotado pelos demais para, então, investir de significado a sua pertença numa comunidade e, assim, abrandar a sensação de isolamento impregnada na empiria da vida. Com relação à narradora, o sentimento de solidão foi propiciado pela ausência de identificação para com o estado do sul e para com Manaus, porém, depois do surto que tivera, é para casa da matriarca da família que ela regressa.

A retórica do não pertencimento sustentada faz fronteira com a retórica da casa como sendo o lugar contraposto à existência no sul. É na casa onde ainda prevalecem afetos. Com isso, ela sugere que não há mais lugar onde se asilar, que esse “eu”, sem contorno e agonizando, cansou de tentar estabelecer vínculos autênticos com o outro e que, em última instância, é na casa onde ela poderá recobrar a sua sanidade, porque lá ainda vive Emilie, quem mantinha a esperança de que os filhos e os netos regressassem, e quando o fizessem, encontrariam tudo como sempre fora, porque os dias de ausência, depois que todos debandaram, não eram dias de ausência: a casa e a matriarca viviam da presença dos filhos e dos netos que continuaram habitando-as em sonhos e recordações.

5 IMAGENS FINAIS

Nas páginas precedentes, vimos que personagens de *Relato de um certo Oriente* são ficcionalizados como sendo o acúmulo de experiências vividas. Eles demonstram que referenciais culturais de um território permanecem com os sujeitos, sendo revelados diariamente. Mas as disposições culturais também comunicam sobre esses indivíduos e sobre suas identidades: afetos e desafetos mantidos e ou desfeitos para com o território habitado operam tanto na construção quanto na desconstrução de uma geografia interna e também no estabelecimento de imagem e de autoimagem de si.

E a imagem da personagem Emilie demonstra que a experiência traumática do exílio vivenciada, além dividi-la entre o Líbano e Manaus, encontrou caminho para ser assimilada por outros personagens que com ela conviveram, porém não mais como trauma propriamente dito e sim como sintomas. Os sintomas, recuperados e recriados pela memória, demonstram como o convívio com quem sofreu uma grande perda, como é o exílio, gera novos traumas. É na convivência íntima em espaços micro e macro, como na casa e na cidade, que identidades e imagens de si são formadas e firmadas, pois são nas interações estabelecidas nesses lugares que o sujeito se constitui.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GIDDENS, Anthony. O eu: segurança ontológica e ansiedade existencial. In: *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HAESBAERT, Rogerio. Território e territorialização. In: *Des-territorialização e Identidade: A rede “gaúcha” no nordeste*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1997. Disponível: <http://www.eduff.uff.br/ebooks/Des-territorializacao-e-identidade.pdf>. Acessado em 20/04/2020.

HALL, Stuart. Nascimento e Morte do Sujeito Moderno. In: *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

HIRSCH, Marianne. The Generation of Postmemory. *Poetics Today: International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*, v. 29, p. 103. Durham: Duke University Press, 2008.

Disponível: <https://read.dukeupress.edu/poetics-today/article/29/1/103-128/20954>. Acessado em 03/04/2020.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, p. 07. São Paulo, 1993. Disponível: <http://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. Acessado em 05/05/2020.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Trad. Monique Augras. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, p. 200. Rio de Janeiro, 1992. Disponível: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acessado em 15/05/2020.

RICOEUR, Paul. Identidade Pessoal e Identidade Narrativa. In: *O Si-Mesmo como Outro*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SAID, Edward. Reflexões Sobre o Exílio. In: *Reflexões Sobre o Exílio e Outros Ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Recebido em 10/06/2020.

Aceito em 13/10/2020.